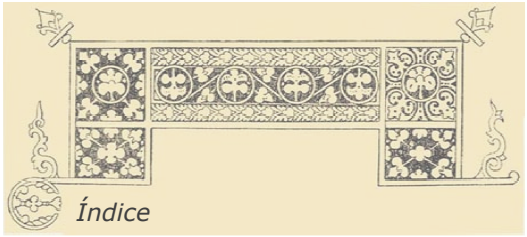
*PEQUENA HISTÓRIA DA HUNGRIA*

# I

# DA FUNDAÇÃO À ALTA IDADE MÉDIA

(Até 1500)

Csaba Deák



*Índice*


Apresentação
Nômades nas estepes
A conquista da Bacia dos Cárpatos
A época das expedições
A consolidação do território: Géza
A monarquia feudal
Economia européia
A consolidação do Estado László e Kálmán
Século XII: O apogeu do feudalismo
II. Géza e III. Béla
A Bula de Ouro (1222)
O ocaso do feudalismo
Béla IV e a invasão dos tártaros
Os últimos Árpádinos [1301]
Os reis Anjou [1308-1382]
Os turcos e Hunyadi [1430]
O rei eleito Mátyás (1458-90)
O nascedouro do novo mundo [1492]

Epílogo: HISTÓRIA II: Dos descobrimentos até hoje


*PEQUENA HISTÓRIA DA HUNGRIA*


Csaba Deák


# I.

# DA FUNDAÇÃO À ALTA IDADE MÉDIA

## (Até 1500)


Por ocasião
do milecentenário
da Hungria,

1996

1ª edição
40 exemplares

Impresso nas Gráficas Rodrigo Reis
São Paulo, novembro de 1996

Reimpressão 41-70 exemplares
São Paulo, dezembro de 1996

Esta versão revisada para PDF e html 2016

*www.fau.usp.br/docentes/depprojeto/c_deak/CD/8div/H/index.html*

# *Apresentação*

O presente resumo da história da Hungria é um simples trabalho de divulgação sem nenhuma pretensão de revelar fatos históricos 'novos'. Visa tão-sòmente apresentar os grandes traços da história da Hungria, em toda probabildade pouco acessíveis ao grande público, inseridos no contexto da história européia. Os fatos relativos à Hungria são de conhecimento geral *na própria Hungria*; quanto à interpretação da história européia, é ela tributária de historiadores como os ingleses Christopher Hill e A L Morton ou o francês Jean Soboul. Os mapas que ilustram a apresentação –e até certo ponto, constituem sua espinha dorsal– são tomados do *Atlas Histórico* em quatro volumes da Penguin por Colin McEvedy, sendo os dois mapas a cores, do *The Times Atlas of World History*.

Os nomes dos personagens são apresentados aproximando-se quanto possível de suas formas de origem, com poucas exceções de nomes de conhecimento geral, como Timurlão. Os nomes húngaros, em particular, são grafados em sua versão nativa: boa parte seria intraductível de qualquer maneira, e a rigor, a maior razão ainda os que têm correspondente português: 'Sigismundo' ou 'Luís, o Grande' não 'traduzem', de alguma maneira, *Zsigmond*, ou *Lajos Magno*.

A divisão da *Pequena História da Hungria* em duas partes não tem outra razão que seu autor não conseguiu chegar ao termo de sua tarefa a tempo para o milicente-nário da fundação daquele país, e sentiu que era melhor a *parte* agora, que o *todo* depois. Em sinal de otimismo e a guisa de compromisso, coloca um resumo da segunda parte na contra-capa.

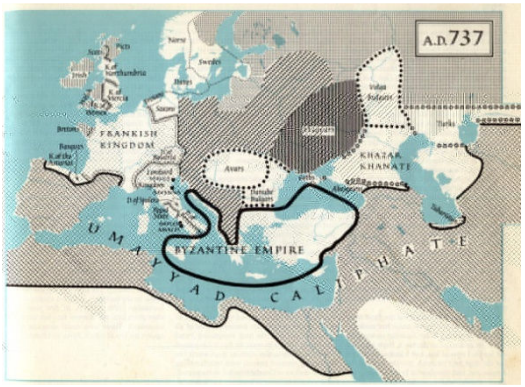
Cs D

São Paulo, 1996
*Millecentenário da fundação da Hungria*

## *Nômades nas estepes*
(Séculos V-IX)
[737]

Os húngaros vieram do leste, da região ao norte dos Montes Urais denominada Ural-Altaï. Levavam ali uma vida nômade e tribal até os meados do primeiro milênio, qundo começaram a migrar para o Sul, na região do Cáucaso, até a beira do Império Bizantino em lenta mas inexorável decadência, e então ao longo da mesma para a Oeste, em meio a numerosos povos turcos e búlgaros, também nômades.

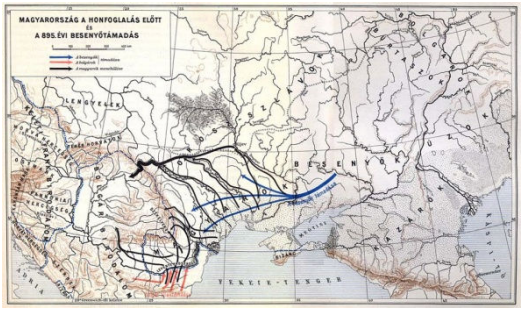
Século VIII: Principais fluxos econômicos (*MEP*).



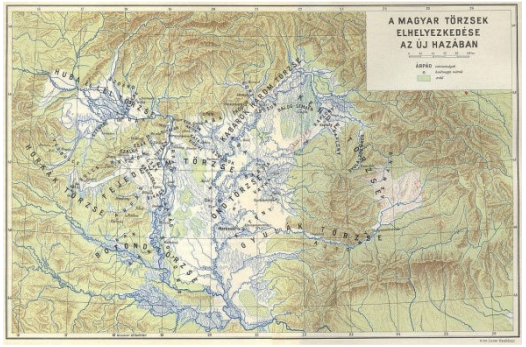

*A Europa em meados do século VII (em cima) e VIII (em baixo).* No primeiro mapa, a norte e em verde está assinalado a região onde viviam os povos finno-ugóricos antes de sua divisão em finlandeses (finn) e húngaros (ugores) e o início da migração desses últimos para o sudoeste. Pode se obeservar também o início da conquista das Ilhas Britânicas pelos anglos (em vermelho) e saxões (em verde). Os dois impérios efetivamente organizados e poderosos eram o Francônio a oeste e o Romano Oriental a sudeste. No segundo mapa se nota o início do movimento dos húngaros a nordeste, o refluxo do Império Bizantino e a formação de um vasto mundo árabe estendendo-se pelo norte da África até a Península Ibérica. *Mapas: HSz; MEP.*

## *A conquista da Bacia dos Cárpatos*
[896]

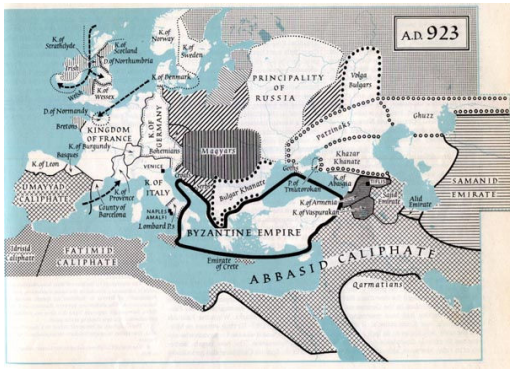
No final século IX, após cobrir as estepes da hoje Rússia, adentraram a bacia dos Cárpatos no coração mesmo da Europa, conquistaram-na (896) e começaram um longo processo de transição para uma vida sedentária em uma sociedade feudal, como eram as demais sociedades européias da época. O chefe eleito supremo pelos sete chefes tribais era Árpád, que assim ocupava a região central do território, a cavaleira sobre o Danúbio.




A ocupação da bacia dos Cárpatos foi na verdade uma fuga, segundo as rotas assinaldas em preto, de um ataque em pinça dos besenyo (bósnios ou patzinaks na versão inglesa como no mapa acima) pelo leste, em azul, e dos búlgaros pelo sul, em vermelho. *Mapa: HSz*.




Disposição aproximada das sete tribos que formavam o povo húngaro. *Mapa: HSz*.



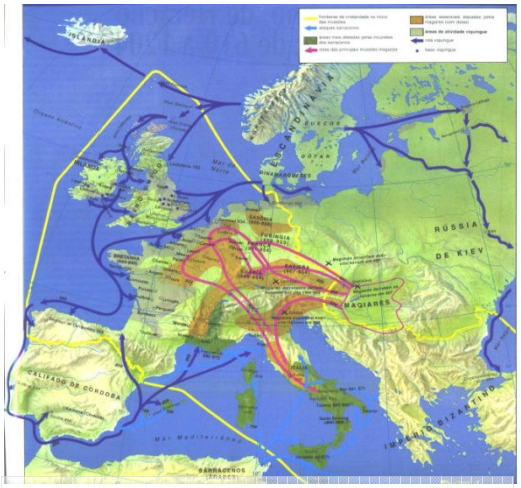

A Europa no início do século X. *Mapa: MEP*.

## *A época das expedições*
[896-955]

A transição à organização feudal foi tudo menos instantânea ou pacífica. Ao plano externo, o povo nômade prosseguia por quase um século ainda com seu modo de vida peculiar e praticava incursões por toda a Europa, então em pleno processo de consolidação das novas nações-estado oriundos da dissolução do império de Carlos Magno. Esse período é assim descrito por Colin McEvedy:

> Os saqueadores vikingues e muçulmanos (os vândalos) já estavam ativos havia um século quando os magyares chegaram à Europa, mas era sòmente então que a miséria da cristandade tornou-se completa. Forçados a abadonar seus territórios na Rússia, os magyares ocuparam a Hungria (apenas ralamente ocupado pelos búlgaros, cujo centro de gravidade situava-se ao Sul do Danúbio) e, com o encorajamento míope do rei alemão, passaram os primeiros anos do século X destruindo o Império da Grande Morávia. Então seus cavaleiros passaram às expedições pela Europa afora que eram tão rápidas, de longo alcance e selvagens quanto aquelas dos piratas marítimos. A triste condição da Europa Ocidental é eloquentmente ilustrado pela história de Borgogna, um estado que pareceria relativamente inacessível, mas que em meio século foi saqueado pelos vikingues, os vândalos e os magyares sucessivamente.

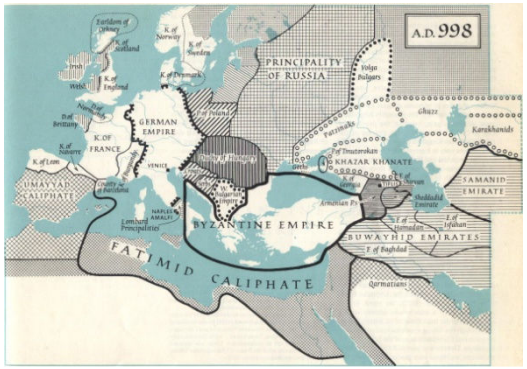
No plano interno, a adaptação significava a construção de uma hierarquia social muito mais rígida que aquela da organização tribal. O último estímulo para tanto foi Lechfeld onde as forças germânicas (re-)unidas por um novo e hábil rei, Otto I, transformando o que era para ser uma escaramuça em batalha, aniquilaram a força expedicionária magyar (955). Os dias da vida nômade e livre estavam contados …




Incursões na Europa no século IX: rotas dos vikings da Escandinávia (azul escuro), dos húngaros (vermelho) e vândalos da África (azul claro). *Mapa: TAWH*

## *A consolidação do território: Géza*
[998]

A derrota de Lechfeld foi o último episódio na vida da organização nômade e tribal dos húngaros. Tornava-se evidente –para alguns– que para sobreviver enquanto povo autônomo, os magyares haviam que adotar a moderna organização feudal, que essa altura ia se generalizando entre as primeiras grandes nações-estado da Europa: Alemanha, França, Inglaterra e Rússias (fundadas originalmente por aventureiros suecos: Principados de Kiev, Novgorod; posteriormente assimilados). Ao retornarem do desastre de Lechfeld, as tribos derrotadas submeti-am-se à autoridade do chefe mais poderoso, Géza, que se estendeu rapidamente a todas as tribos e Géza fundou uma dinastia que reinaria sobre todos os húngaros, que paulatinamente formariam uma nação, durante quatro séculos. Durante seu reinado (970-97) a Hungria consolidou-se como um ducado, um estado de molde feudal e entrando em contatos iniciais com o cristianismo –catolicismo do lado papal, ortodoxia do lado bizantino–, procurando um lugar entre as demais grandes dinastias. Géza obteve em casamento para seu filho, já batizado católico com o nome de Estêvão, a filha do rei bávaro Henrique II, mais tarde 'sacro' imperador 'romano'.




Formação das nações-estado feudais na Europa do final do século X. *Mapa: MEP*.

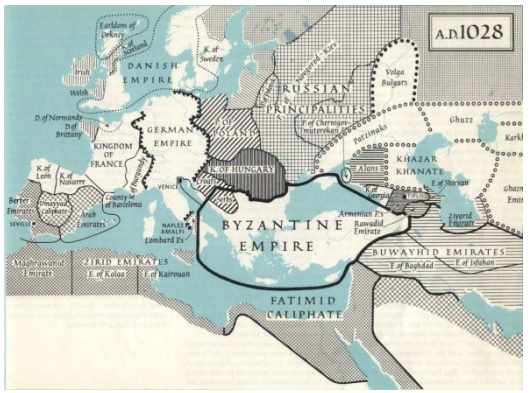
## *A monarquia feudal*
[1028]

À morte de Géza ressurgiam as tendênicas centrípetas e arcáicas na organização social dos húngaros, mas após luta encarniçada seu filho impôs-se finalmente como seu sucessor e continuador do processo iniciado. O principado foi promovido a reinado e adotou o cristianismo com pompa e solenidade no ano 1000. Nascia o mais novo reino da Europa. Com o tempo, Estêvão I (997-1038) provou ser um enérgico continuador da construção de um poder central forte e possuia tino político para conseguir manter a independência entre as duas maiores potências européias da época: o Sacro Império Romano através do qual os países germânicos almejavam a hegemonia européia e ambicionavam mesmo recriar o Império Romano; e o Império Bizantino que, embora em lenta decadência e desafiado a leste pelos árabes e depois turcos e no Mediterrâneo por Veneza que começava a servir de transbordo entre a bacia do Mediterrâneo e o Norte da Europa cujo peso paulatinamente aumentava, ainda tinha enorme peso remanescente.

Acabou optando pelo ocidente, mas visando evitar de cair na área de influência germânica, aceitou a coroa e a autoridade eclesiástica diretamente do papa (ao invés do imperador, que se arrogava os mesmos direitos de fazer reis e nomear bispos). As tradições e costumes antigos da organização tribal, vida nômade e religião pagã sobreviveram por muito tempo ainda, não obstante, e eram fator ponderável na política interna das lutas pelo poder.

Hungria sob István I (997-1028): Primeira divisão administrativa do país em departamentos (*megye*) e episcopados. [*HSz*]

A coroa húngara

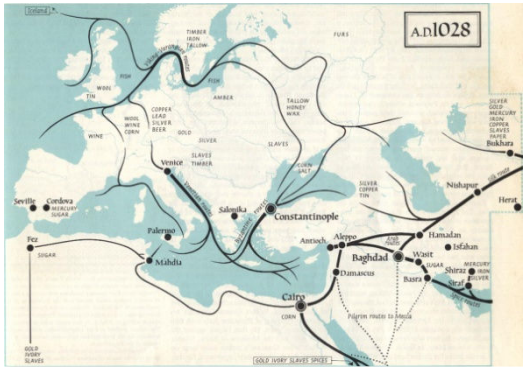



Europa, na mesma época. *Mapa: MEP*.

Europa, 1015. *Mapa: HSz*

## *Economia*
[1028e]

Constantinopla continua a cidade e centro econômico mais importante, mas Bagdá rivaliza de perto e surge Veneza aumentando em importância, à medida também que surge um novo eixo econômico e rota comercial: do *Báltico–Mar do Norte*, ainda embrionário. Durante os próximos séculos uma questão fundamental no Mediterrâneo era o controle da costa Adriática, disputada pela Hungria e Veneza, uma vez que esta comandava a principal rota de ligação entre o Mediterrâneo e o Norte europeu (a segunda rota, rival, era paralelo à primeira, a Oeste, tocando o porto de Gênova, arqui-rival de Veneza). Na extremidade Oeste prossegue, ainda em seus estágios iniciais, a reconquista da peninsula ibérica pelos 'europeus', ou cristãos, aos 'mouros', ou muçulmanos.



## *A consolidação do Estado*

László e Kálmán
[1092]□□

Se o primeiro século do segundo milênio começou brilhantemente para a Hungria com o longo reino de Estêvão, o mesmo continuou mais que tempestuoso após a morte do rei fundador. Ele não deixou herdeiro direto e os candidatos rivais sucederam-se no trono em rápida sucessão, apoiados ora pelo Imperador Romano – na prática, o rei alemão mais forte –, ora pelo papa, ora pelo rei da Polônia. O poder central se enfraqueceu e com ele a incipiente organização do Estado. Assim a vida organizada do reino dependia excessivamente da capacidade pessoal do Rei. Uma conjunt\ura favorável nesse sentido adveio finalmente a partir de 1077 quando dois reis capazes em sucessão, László (1077-95) e Kálmán (1095-1116), asseguraram quatro décadas de florecimento e consolidação na Hungria. Nesse período as fronteiras efetivas do país foram estendidas até a cumeiera do Cárpatos e László adquiriu, em seguida Kálmán consolidou a ocupação da Dalmácia, dominando a costa adriática.

Boa parte da diplomacia de ambos os reis consistia tomar o partido e ativamente apoiar o mais fraco entre os rivais seculares: o Sacro Império Romano e o Papado, ambos aspirando unir a autoridade religiosa com o poder secular. Nessas condições, procurando manter um equilíbrio de forças, encontravam-se geralmente do lado do Papado, o que explica que em menos de cem anos a Hungria teve três reis canonizados (os dois primeiros, Estêvão e Imre, durante László, que por sua vez, seria canonizado meio século depois) – e também porque os reis santos destacam-se mais por suas qualidades de guerreiros que por uma vida de introspeção e meditação.

Enquanto isso, longe daí, nas extremidades ocidentais do continente, iam se formando novos países que mais tarde ficariam ao centro da história européia: na península ibérica unem-se os territórios recém-liberados aos árabes de Leon & Castilho, enquanto que as ilhas britânicas – já colonizados pelos saxões nos séculos precedentes são recolonizados por um destacamento de uns dez mil normandos (que não são outros senão vikings assentados entre os francos) do poderoso príncipe (de Normandia e Anjou) francônio Guilherme (*o Conquistador*, 1066), dando fundação à Inglaterra moderna (e semeando as germes da Guerra dos Cem Anos).

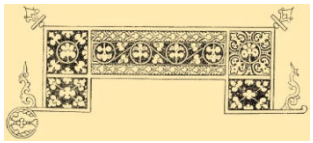
*Construção da catedral de Nagyvárad, cca. 1080□*
*Cronica Ilustrada Vienense, 1358*

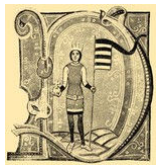
## *Século XII: O apogeu do feudalismo*

II. Géza e III. Béla
[1173]

Após um interlúdio de uma geração de lutas internas articuladas em torno das sucessões no trono, mas que também envolviam sempre um confronto entre senhores e os homens livres que resistiam a sua paulatina submissão à servidão feudal, a Hungria iniciou outro período estável sob Géza II (1141-61) que, além da rivalidade papa/ imperador – era a época de Frederico *Barbarossa,* aquele que teve que ir a Veneza submetendo-se ao papa–, estava agora equilibrando sua política externa contando também com o temporário recrudescimento do poder de Bizâncio. Dominando uma das rotas comerciais –a *terrestre* – que conectavam as regiões mais dinâmicas da Europa sobre o canal da Mancha e o Báltico com o oriente (Pérsia, Índia, China), a Hungria prosperava entre os demais grandes reinos europeus junto com a França, o Sacro Império Romano ou a Inglaterra.

A sucessão de Géza se deu em meio a novas disputas, com candidatos rivais ao trono sendo apoiados por bizantinos, o papado e o Sacro Império Romano. Finalmente ascendeu ao trono um jovem príncipe educado na corte de Bizâncio, Béla III (1173-96).

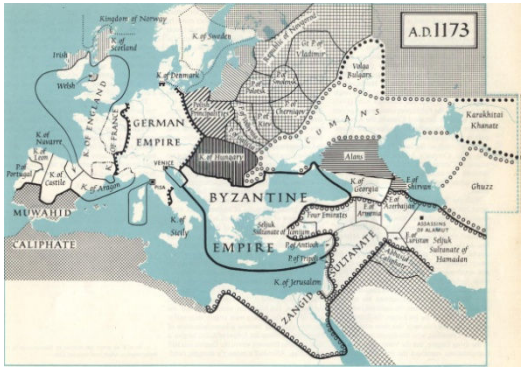




Bizâncio podia estar em plena decadência, mas ainda dispunha do aparelho estatal mais desenvolvido do mundo, aí se incluindo a cambaleante China. Béla III (que teve uma educação na corte de Constantinopla para eventualmente assumir o trono bizantino) aproveitou seus conhecimentos de administração estatal e montou uma burocracia eficiente sem precedentes na Hungria. Esta lhe possibilitou cobrança de impostos e pedágios, desenvolver os monopólios reais de mineração de sais e de metais, ampliando seu poder baseado nas suas já imensas possessões pessoais. Quando pediu a filha do rei da França em casamento, aquele se informou sobre a fortuna de Béla e a história registra que esta era apenas superada (e por parcos 10%) pelos bens do rei nais rico da Europa da época, Ricardo Coração-de-Leão [1] . Ao novo declínio de Bizâncio, reocupou imediatamente a Croácia e a Dalmácia, incluidas as cidades costeiras, deixando Veneza na espera de uma oportunidade melhor para assenhorar-se algum dia de novo daquelas últimas.

*O grande selo de III Béla*

Na extremidade ocidental do continente, na esteira do refluxo árabe, nasce Portugal que, estando os espaços do Mediterrâneo tomados, logo se orientou para a navegação no Oceano Atlântico, explorando a costa Africana em busca de comércio.



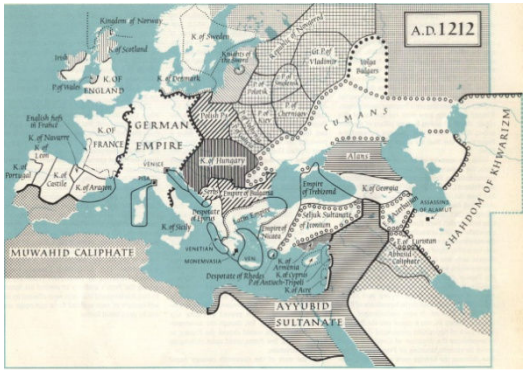

[1] Que, sendo rei inglês e descendente de Guilherme o Conquistador, possuía metade da Inglaterra *e* da França.

## *A* Bula de Ouro
[1212]

Desde que Kálmán conquistou a Croácia e a Dalmácia (1097), nos três séculos seguintes a costa Dalmática ficava continuamente trocando de soberano. Era o suficiente para Veneza, que não necessitava da costa a não ser para impedir que sob soberania húngara ali surgissem portos rivais que ameaçassem seu monopólio do comércio da região – e por essa razão mesma era insufuciente para a Hungria tirar pleno proveito através do estabelecimento de rotas comerciais por seu território baseadas em portos dalmacianos.

A acirrada rivalidade da Hungria com Veneza deu origem a um episódio curioso e que exemplifica a intricada política européia da época. O octagenário Doge Dandolo desvia (1202) os cruzados –da famosa Quarta Cruzada– de Jerusalém para reconquistar a cidade dalmaciana de Zara à católica Hungria. O método é extorsão: exige pagamento *adiantado* aos cruzados que ainda *iam* saquear Jerusalém para *depois* pagar o frete de seu transporte via marítima de Veneza à 'Terra Santa'. Mesmo totalmente sem dinheiro e meio sem muita escolha, ainda assim hesitaram diante do preço: o Doge abdicava do pagamento antecipado e mesmo posterior, se os cruzados conquistassem a principal cidade dalmaciana, Zara, *para Veneza*. Afinal eles eram *cruzados* indo reconquistar a 'Terra Santa' e a Hungria, – László, o esteio do Papado contra o Imperador meio século antes, tinha sido recém-canonizado– era visto como o baluarte, senão do cristianismo, certamente do Papado – não tanto frente a turcos, árabes e bizantinos a leste, senão contra o Sacro Império Romano a Norte. Após meses de hesitação, os cruzados finalmente cederam. Como coroamento de sua gloriosa tarefa, fizeram ainda mais: quando finalmente embarquaram, por instigação ainda do Doge, que os convenceu que Bizâncio teria muito mais botim ao saque que Jerusalém (dado que ele tinha com o Sultão Saladin um trato secreto de não-agressão, que lhe valia mão livre na navegação e comércio no Mediterrâneo oriental), para a conquista de ... Constantinopla! Dois e meio séculos antes de sua 'queda' aos turcos otomanos, Constantinopla 'caiu' aos cruzados (1204).

A famigerada *Quarta Cruzada* deu o golpe de misericórdia ao Império Bizantino (1204) numa operação da qual sòmente Veneza tirava proveito, e que McEvedy avaliou sumariamente: "Após oito séculos, a Quarta Cruzada provàvelmente conserva seu lugar como o maior golpe comercial de todos os tempos." Ela pode marcar também o fim da Idade Média. A partir daí, os processos mais dinâmicos na Europa diziam respeito à formação dos impérios marítimos português, espanhol, ibéricos e em seguida, holandesa e inglesa, e que já foram construídos sobre bases que superam a ordem feudal.



A Bula (selo) de Ouro de II. Endre [*HSz*].

## *O ocaso do feudalismo*
[1212e]

A perda das cidades adriáticas não era nada em comparação ao enfraquecimento do poder central durante o longo reino de Endre II (1205-35). O baronato –a 'grande' nobreza– ia adquirindo terras e privilégios, culminando com a carta *Bula de Ouro* de 1222 em que o rei formalmente atribui direitos à nobreza tanto frente ao próprio monarca quanto frente aos servos. Tal movimento era normal em todas as regiões da Europa, mas mais a Oeste era o mesmo contrabalançado, ou simplesmente acompanhado, da paulatina formação de burgos e cidades com uma correspondente população à margem das classes feudais: os burgueses que lidavam com artesanato (manufatura) e comércio. Sobre essas classes é que mais tarde o monarca se apoiaria contra sua nobreza insubmissa, combinação que alguns séculos mais tarde, formaria a base mesma das modernas nações-Estado.

O centro de gravidade da economia da Europa vai se deslocando para as áreas onde a formação de cidades e a consequente alargamento da economia monetária (base embrionária do futuro capitalismo) é mais ativa: Norte da Itália, Canal da Mancha e Hanseáticas. Enquanto a bacia oriental do Mediterrâneo ainda conserva sua posição-chave, a bacia Ocidental (e a Peninsula Ibérica) adquire peso por seu controle sobre a saída para o Atlântico.

Europa: linhas de força da economia no início do séc. XII. Mapa MEP.

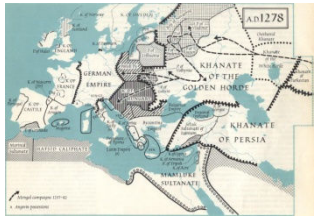
## IV. *Béla e a invasão dos tártaros* [1241]

Ainda durante a vida de András II, seu filho Béla, o futuro Béla IV (1235-70), tentou restabelecer o poder central e à sua ascensão prosseguia com essa política com bastante energia e habilidade. Mas a essa altura uma nova força fez sua aparição no Leste europeu com a velocidade e força destruidora de um raio.

Desde o século V, quando a invasão dos hunos acelerou a desintegração do Império Romano, os povos asiáticos que faziam sua aparição no cenário europeu o faziam como reflexo, por efeito de cascata, dos gigantescos movimentos dos povos mongóis nômades limítrofes da China. Quando a China 'empurrava' os mongóis para o oeste, estes por sua vez empurravam seus vizinhos ocidentais em sucessão e dependendo da intensidade do empurrão, seu efeito mediato se fazia sentir a 15 000 km a oeste de lá na forma do surgimento de povos nômades mais ou menos fortes, como os búlgaros, ávaros, –os próprios húngaros–, kunos, com resultados mais ou menos traumáticos para o Leste europeu. Mas agora nasceu centrado em Mongólia um império que ia do Pacífico ao Mar Negro e entrou em contato *direto* com a Europa. Um príncipe Mongol unificou as tribos mongóis sob seu poder, tomou o título (1206) de Djenghis Khan (Senhor do Mundo) e antes de sua morte (1227) conquistou a metade da China, a Pérsia, os Principados Russos do Sul e tudo que havia no meio.

Seu sucessor completou a conquista da China e voltou para estender suas fronteiras no Oriente Médio e na Europa. Os búlgaros da Volga e os principados russos do sul foram aniquilados (1236-8) (esses últimos se libertariam dois séculos e meio) assim como os kunos e os alanos (1237-40). Em 1241 foram invadidas a Polônia e a Hungria e toda resistência armada aniquilada com a exceção de algumas fortalezas na Hungria ocidental

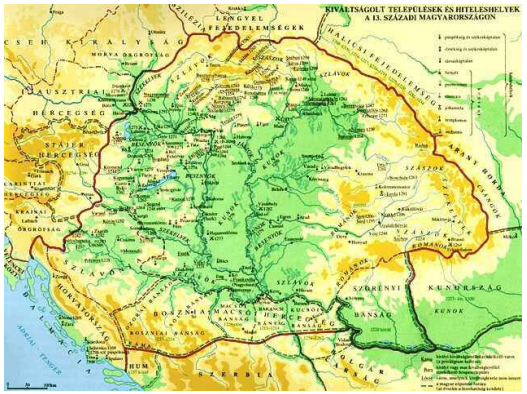
Djenghiz Khan




Europa, século XIII. [*MEP*]

– o próprio rei teve que se abrigar em uma cidade numa ilha Adriática. À morte do Khan o exército invasor se retirou para seu comandante, Batu Khan, neto de Djenghis Khan tomar parte na eleição do novo Khan como principal aspirante à sucessão. Independente desse fato fortuito, o Império Mongol estava no limite de seu alcance e não poderia almejar controle permanente de áreas desfavoráveis à vida nômade, em regiões montanhosas e com assentamentos permanentes e semeados de praças-forte. Mas continuou a ocupar a região limítrofe à leste da Hungria por mais dois séculos – o Principado de Moscou só recobriria sua autonomia ao final do século XV-- e a invasão em si constituiu um trauma do qual os país levaria duas gerações para se restabelecer.

De fato, o restante do longo reinado de Béla IV –após uma rápida guerra contra o principe austríaco[1] para retomar os cinco departamentos fronteiriços dos quais aquele havia se apoderado durante o ataque do tártaros-- foi dedicado ao trabalho de reconstrução do país, fundação de cidades, castelos e fortes e repovoação das regiões mais atingidas.




Assentamentos estimulados ('privilegiados') com a indicação dos maiores grupos étnicos, em torno de 1260. Destaca-se a grande extensão ocupado pelos *kunos* (cavaleiro kuno ilustrado acima), na planície central, alí admitidos ainda em 1239, em sua própria fuga dos tártaros. *Mapa: HSz.*

Ainda assim, à sua morte recrudesceram as lutas dinásticas, e os castelos e fortes (mais numerosos que as cidades) tornaram-se bases para latifúndios de poderosos barões e causa de novo fracionamento do poder.

*IV. Béla Rex*

[1] Membro da enérgica dinastia dos Babenberg, que fundara e fortelecera o principado de Áustria (Ostmarkt) ele acabaria sendo também o último. Inconformado com o revés sofrido, montou uma nova tentativa de conquista fronteiriça em 1246. Ele chegou a vencer o primeiro encontro, mas pagou a vitória com a vida e na Áustria seguiu-se um luta encarnicada por sua sucessão (cf. também seção subsequente).

## *Os últimos Árpádinos [1301]*

Durante o reino do simplório neto de Béla e último descendente masculino da casa de Árpád, László IV ('O Kuno', assim alcunhado por seu retorno a hábitos nômades e afinidade com os kunos recém-assentados no país, 1272-90), o processo se exacerba ainda mais.

Um episódio cheio de ironia da sorte é a ajuda prestada por László a Rudolf Habsburg, um obscuro conde alemão da Áustria contra o agressivo rei da Boêmia, Otokar que uniu brevemente sob seu reino, por casamento e conquista, todos os condados germânicos do leste ("austríacos") até o Adriático. É verdade que entre em campo contra Otokar também em defesa própria, quando este, cuja influência se estendia também ao Norte até o Báltico, onde interveio em favor dos Cavaleiros Teutônicos contra os eslavos em uma ação que resultou, inclusive, na fundação de Königsberg, desafiou o próprio trono de László com base em seu casamento com uma neta de Béla IV. Mais, tentou ser eleito ao trono germânico, mas os eleitores preferiram eleger Rudolf, justamente por ser insignificante e assim não teria chance de aspirar ao poder imperial de fato. Este foi o fim da carreira de Otokar: László atendeu a chamada de Rudolf contra o rei tcheco e aniquilaram o exército deste que morreu na batalha. László voltou para seu país sem reivindicar nada dos territórios conquistados, dos quais os domínios austríacos Rudolf simplesmente incorporou a título *pessoal*, tornando-se assim, de um só golpe, um magnata de primeira grandeza e fundador da dinastia Habsburg, cuja história culminaria com Carlos V e que só se extinguiria com a dissolução do Império Áustro-Húngaro seis séculos mais tarde.

À morte de László que não deixou herdeiro, ascendeu ao trono Endre, neto de Endre II por parte de um filho póstumo daquele sobre o qual pesava a suspeita –e a acusação, por parte de Béla IV– de ser bastardo, e que vivia proscrito em Veneza. Na falta de pretendente mais titulado este título era suficiente e Endre III assumiu o trono sem muita contestação. Ele rechaçou um ataque de Rudolf Habsburg –o mesmo que László havia ajudado contra Otokar– que reivindicou a coroa húngara para seu filho. Sua maior dificuldade era a herança do poder real fragmentado e durante seu curto reinado sua habilidade, de resto, considerável, foi insuficente para consolidar sua linhagem no trono –ainda mais que morreu sem deixar herdeiro masculino. A casa de Árpád estava definitivamente extinta (1301).

Os oligarcas na Hungria, ao fim do reinado do último descendente de Árpád, III. Endre. As linhas demarcatórias dos territórios não representam fronteiras, ou divisas, apenas assinalam a posição e a extensão de suas áreas de influência. *Mapa: HSz*.

## *Os reis Anjou*
[1308-1382]

A luta dinástica que se seguiu deu-se, –mais uma vez– contra o pano de fundo da rivalidade entre o Papado e o Sacro Imperio (germânico). Cada um tinha seu candidato: o primeiro, Carlos Roberto Anjou, descendente do Rei de Nápoles e da rainha abandonada de László (O Kuno); o segundo apoiava o menor Venceslau depois *Bávaro* Otto, ambos bisneto e neto, respectivamente, de Béla IV pela linha feminina. Após breves períodos de presença (dizer 'reinado' seria exagero) ambos foram expulsos do país e finalmente Anjou foi coroado rei para ser Károly I (1308-42).

O longo reinado de Károly Anjou começou com uma década e meia de luta encarnecida durante a qual o habilidoso e enérgico Károly quebrou os oligarcas agigantados durante o último meio século e reconstituiu a monarquia centralizada com base em uma nova nobreza criada por ele e cuja submissão lhe era assim assegurada. Vindo da Itália rica em prósperas cidades, estimulava a formação de novas praças de mercado, burgos e cidades-livres, à maneira de Béla III. Sua política externa baseava-se na idéia de contrabalançar a pressão do império germânico, e suas alianças e contatos nesse sentido iam do Reino de Nápolis (sua terra natal) até a Polônia, presentemente às voltas com problemas sucessórios, estabelecendo laços familiares em ambos os reinos, que vingariam durante o reino de seu filho e sucessor. Seu grande fracasso foi não conseguir segurar a costa Adriática mesmo ao preço de custosas campanhas contra Veneza, em boa medida em consequência da falta de visão de seus prepostos para a região que não tinham tino para a administração de cidades livres, portuárias, e orientadas para o comércio marítimo, e que assim perdenram sua tradicional preferência de pertencer à Hungria, para o arqui-rival dessa, Veneza.

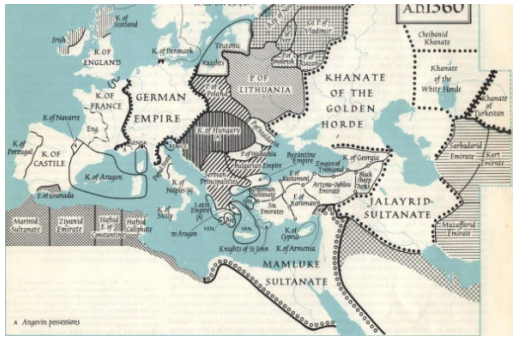
*Carolus Rex*

*Csák Máté*

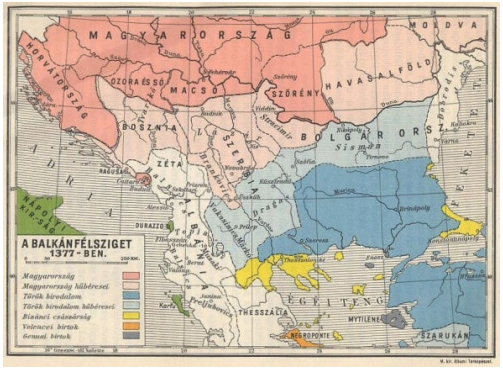
*Os potentados*

Boa parte dos frutos do trabalho árduo de Károly foi colhida por seu filho Lajos, o Magno (1342-82). Uma união com o Reino e Nápole falhou – seria a mesclagem de duas sociedades diferentes demais– mas, com o poder interno firmemente assegurado, e aliado à tradicional rival de Veneza, Génova, reconquistou (e conservou contra várias tentativas de reconquista por parte de Veneza) a Dalmácia, e estendeu a sua soberania aos estados limítrofes de Bósnia, Valáchia e Moldávia.

Enquanto isso, na Anatólia, a constelação de emirados turcos foi conquistada em rápida sucessão e unificada sob um clã otomano. Em 1353 cruzaram as Dardanelas e estabeleceram uma cabeça-de-ponte na Europa em Gallipoli. Quando desafiados em sua expansão pela Trácia pelas forças conjuntas sérbo-búlgaras, destruíram essas últimas e Bulgária tornou-se seu vássalo. Mais uma campanha vitoriosa sobre os sérvios pôs o Império Otomano em contato direto com a Hungria (1371) e mais para o fim de seu reino, Lajos Magno chegou a ter de rechaçar um exército turco em campamha exploratória (1377) sem consequências. O avanço turco só se tornaria mais ameaçador de novo alguns anos mais tarde, com o advento do sultão Bayazid (1389).




*Europa, 1360* -- A França e a Inglaterra continuam ocupadas com sua Guerra dos 100 anos. A nordeste expremidos entre os tártaros (a Horda de Ouro) e os Cavaleiros Teutônicos, estão renascendo os principados de Polônia, Litvânia e de Novgorod, O refluxo árabe a oeste é contrabalançado pela expansão dos também muçulmanos turcos a leste. *Mapa: MEP.*




*A situação nos Balcãs, 1377. Em vermelho e azul, o Reinado da Hungria e o Império Otomano (ou turco), respectivamente, com suas áreas de influência.* A rapidez da expansão dos turcos otomanos pode ser apreciada pela extensão conquistada por eles nos Balcãs em 14 anos a partir do estabelecimento de sua cabeça-de-ponte do lado europeu das Dardanelas (azul). Do império Bizantino sobra somente Constantinopla em si e um território já desconectado na Trácia (amarelo), e o Império Otomano passa a ser vizinho direto da Hungria. *Mapa: HSz.*

Como consequência da política de casamentos de Károly Anjou, as casas de Boêmia e da Polônia estavam entrelaçadas com ligações com a casa da Hungria. Em consequência disso, Lajos interveio algumas vezes a favor de seu tio, o rei da Polônia, na tradicional luta desse contra os lituanos, assegurando-lhe a Galícia, e quando aquele morreu sem herdeiro (1370), chegou a assumir o trono polonês, sem no entanto interferir muito na vida daquele país. Por último, mencione-se a fundação da universidade de Pécs (1367), seguindo a tendência de época na Europa central (fundação das universidades de Praga, 1348, Cracóvia e Viena, 1365). É um sinal da adaptação do segundo Anjou no trono da Hungria à sociedade local o fato dele ter promulgado –ou mais exatamente, endossado as proposições de um Parlamento dominado pela alta nobreza– a legislação que consolida as instituições feudais (1351) há muito obsoletas e efetivamente inaugura, na Hungria, a "segunda servidão" que se generalizaria em toda a Europa Oriental e só seria extinta em 1848.

Na Europa Ocidental, a Guerra dos Cem Anos, aparentemente uma herança da conquista normanda da Inglaterra, mas na verdade, pelo controle da região desenvolvida de produção téxtil dos Flandres, iniciada em 1327, acompanha todo o reinado de Lajos Magno, quando pára para uma pausa (1383) para recomeçar após uma geração. Na península ibérica, Castilho se expande no continente e Aragão, no Mediterrâneo. A boca do Báltico continuava a ser disputada por dinamerqueses e germânicos, como já há séculos, e a costa do Báltico, pelos Cavaleiros Teutônicos, Polônia, Lituânia (ainda pagão) e o Principado de Novgorod (russo, ainda com os mongóis nas costas).

*1338 Dénár [!] --Dinheiro*

## *Os turcos e Hunyadi*
[1430]

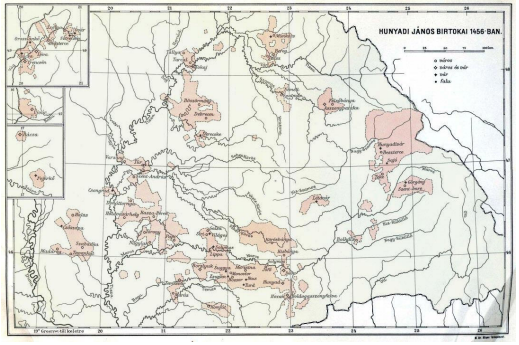
Zsigmond (1382-1437) filho do Imperador germânico e rei da Boêmia Carlos IV subiu ao trono após alguns anos de lutas internicinas com pretendentes rivais. Desde o início ia perdendo a autoridade real e o baronato adquiria crescentes poderes regionais. E os turcos agora batiam à porta da Hungria: Bayezid iniciuou uma brilhante série de campanhas vitoriosas em que anexou a Bulgária e boa parte da Sérbia na Europa, e na Anatólia unificou a constelação de emirados em seu império, fundando o império Otomano. Zsigmond liderou a última cruzada contra ele em que os cavaleiros burgundos, alemães, ingleses, italianos, húngaros e moldavos foi totalmente destruída a Nicápolis. Veneza aproveitou para retomar a Dalmácia e o rei Anjou de Nápoles, para tentar tomar o trono (com o *apoio da esdrúxula combinação de apoios* do papa e de Bayazid). Não conseguiu, mas deu trabalho. Quando não estava prisioneiro de seus próprios barões, Zsigmond ia brigar com seu irmão o rei da Boêmia até que em 1410 foi eleito imperador 'romano' (isto é, germânico).

*Bayazid at Rigómezõ (Kosovo), 1389*

Isto lhe trouxe uma das maiores causas de distúrbio de seu reinado: o combate à revolta Hussita –um precursor tcheco dos movimentos de reformação religiosa do século subsequente– que lhe tomou praticamente vinte anos, e o impediu de tirar qualquer proveito da destruição de

Bayezid (1402) por um dos remanescentes do império mongol sob a direção de Timurlão, o que paralisou a ascensão otomana por uma geração. Ao fim do reino de Zsigmond a Anatólia estava re-unificada e os territórios nos Balcãs reconquistadas pelos turcos, e a própria Hungria sujeita a incursões por parte de tropas de reconhecimento. À sua morte (1437) o país se encontrava sem herdeiro como antes dele, após Lajos Magno, com a enorme diferença que agora, além do problema sucessório, as finanças, a organização do Estado, a economia e o tecido social estavam em frangalhos.

Seu sucessor imediato foi o príncipe austríaco Albert Habsburg (1437-9) que passa para a história como o primeiro Habsburg com a corôa húngara. Se ele teria conseguido firmar-se no trono ou não, é uma questão em aberto, uma vez que morreu após dois anos em uma campanha (fracassada) para romper o cerco turco de uma fortaleza na Sérvia. A partir daí, teve dois reis: um (recém-nascido) filho de Zsigmond, László V (1440-57), e outro, da casa da Polônia, Ulászló II (1444) e a partir daí se formaram dois grandes partidos entre os nobres da Hungria: da alta nobreza os partidários da conexão germânica (que implicava aceitar um papel subordinado nesta relação) e os nacionalistas da pequena nobreza –aqui, os partidários de Ulászló II. O líder deste último grupo era János Hunyadi, comandante militar consumado, guindado ainda por Zsigmond a um dos maiores senhores da Hungria, e Albert lhe conferiu o domínio da Croácia, todo o Sul do país e a Transilvânia. Assim ele se tornou o




comandante natural da luta contra os turcos, mas simultaneamente teve de lutar contra os 'germanistas' e ocasionalmente contra o imperador romano que sequestrou a Coroa e o Infante-Rei. Em um cessar-fogo da guerra civil efetuou uma brilhante campanha (1443) domínios turcos adentro que o levou a penetrar até Sofia quando o inverno o obrigou a recuar. No ano seguinte estava se preparando para retomar a campanha

quando veio uma oferta de devolução da linha de defesa dos turcos na Sérvia que os próprios sérvios aconselharam a Ulászló de aceitar. Seguiu-se uma confusão em que encorajado pelo papa e por uma falsa promessa de apoio dos venezianos, Ulászló voltou atrás e fez seu exército marchar sobre o turco. Chegou ao Mar Negro, mas caiu na batalha de Varna em que tomou parte pessoal, transformando a derrota em desastre. A falta de comando unificado perdurou, e a luta contra os turcos ia com sorte variável, sempre entremeada por lutas internas. Mas o prestígio de Hunyadi crescia como sendo o único a poder fazer frente à ameaça otomana, foi eleito Regente e entrou em seu apogeu quando, com a notícia e o trauma da queda de Constantinopla (1453) ainda vívida nas memórias, resistiu com sucesso a um

*Nándorfehérvár (Belgrado)*

avanço turco de larga escala liderado pelo sultão Muhamad a Nándorfehérvár (Belgrado) em 1456, consolidando a linha de defesa da Hungria. Os festejos da vitória do 'salvador da cristandade' mal começaram quando Hunyadi morreu da peste trazida pelas tropas invasoras.

A Guerra dos Cem Anos terminou em 1453, o mesmo ano da queda de Constantinopla, com a expulsão dos ingleses de todos os territórios franceses (exceto a cidade e porto de Calais) depois que o que começou como uma guerra feudal transformou-se paulatinamente em uma guerra entre povos. A rigor, ambos os países deviam sua unidade nacional a essa guerra que minou as estruturas feudais; a Inglaterra ganhou, adicionalmente, a necessidade de implantar sua própria indústria têxtil já que não conseguiu a incorporação ou o controle de Flandres. Antes mesmo da recuperação total da Península Ibérica pelos europeus aos mouros, eles efetuaram uma contra-invasão: Portugal ocupou Ceuta, a ponta *africana* do estreito de Gibraltar (1415). Estava fechada a porta *leste* do Mediterrâneo, tornando sua bacia oriental um fundo de quintal; abriu-se sua porta *oeste* para mundos inexplorados pelos europeus.

*Europa em cca 1430* [*MEP*]

## *O rei eleito*

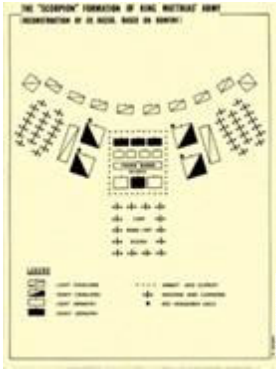
Mátyás (1458-90)
1478

Matthias Corvinus (1458-90) Eleito Rei da Hungria (1458) e de Boêmia (1469). Conquistou a Morávia, Silésia e Lusácia em 1478, Viena em 1485, e construiu o mais poderoso reino da Europa Central. Ele era também um patrono da ciência e da literatura.

*The Times Atlas of World History*

A morte de Hunyadi reacendeu as rivalidades entre os magnatas e o filho maior de Hunyadi foi decapitada pelo rei fantoche por instigação da facção rival para prevenir sua ascensão ao trono com base no imenso prestígio de seu pai; seu irmão menor de quinze anos, Mátyás, foi encarcerado em Praga. Ulászló morreu no ano seguinte sem herdeiro e Mátyás acabou sendo eleito pelo parlamento com base em um acordo entre os grandes nobres e apoio entusiástico da pequena nobreza. Mátyás revelou imediatamente seus talentos e consolidou seu poder internamente no primeiro ano, neutralizou uma invasão tcheca (aliada à facção rival), e fez um acordo temporário com o imperador germânico a tempo de poder entrar em campnha contra os turcos que renovaram suas atividades nos Balcãs e retomou *Jajca*[2] (1463), o capital-forte da Bósnia. Com a consolidação da frente turca, voltou-se de novo a Oeste. Como uma maneira de defesa contra as constantes tentativas de interferência do rei Podiebrad da Boêmia e Friederich (Habsburg), imperador germânico, adotou uma solução radical: embarcou na conquista de seus domínios principais. Ao primeiro, que chegou a promover uma invasão tcheco-polonesa com um pretendente polonês ao trono, tomou Morávia, Silézia e Lusácia (1474), consolidados no tratado de Olmutz (1479). Ao segundo tomou as faixas fronteiriças e a capital Viena, antes da assinatura de um tratado de paz (1485), em que o imperador reconheceu também sua tutela sobre o Episcopado de Salzburg, reivindicado por este como forma de preservar sua independência em relação ao império (sacro império romano).

As campanhas quase-constantes de Mátyás não chegaram a interferir na vida interna do país, uma vez que ocorriam além das fronteiras e eram executadas por um exército permanente e profissional que Mátyás montou logo no início de seu reinado e cujo custo era coberto com folga pelas rendas do Estado decorrentes dos monopólios reais de comércio e de mineração, administrados com a eficiência de um poder centralizado forte. Pelo contrário, asseguraram um período de prosperidade como não se conhecia desde Béla III. A riqueza se refletia também na construção das cidades, monumentos, pintura e artes; e a corte de Mátyás a Buda teve um brilho em que predominava a coloração italiana reforçada por seu casamento com Beatrice (Esté) de Nápoles, sendo um de seus orgulhos uma das mais extensas bibliotecas em *codex* (manuscrito) da época[3].



*Formação 'escorpião' típica do exército profissional de Mátyás.*

[2] Pronunciado *Yaï'tsa.*

[3] Mátyás é citado em primeiro lugar entre os colecionadores de livros da época, seguido do Rei de Nápoles e dos Duques de Ferrara. Os três tinham seu próprio *scriptório* e eram pioneiros em introduzir o novo tipo de caractere *romano* contra o medieval *gótico*.

Mátyás foi, de certo modo, o último monarca renascentista. Mereceu o epiteto 'Justo' por seu salvaguarda da ordem interna e os limites impostos às arbitrariedades dos magnatas tanto em relação aos servos –seu reino foi o último em que a liberdade de ir e vir dos servos ficou assegurada– quanto à própria pequena nobreza. Dois anos após sua morte (sem deixar herdeiro) Colombo chegou à América, a Bíblia impressa por Gutenberg já estava provocando uma revolução, o casamento de Isabela e Ferdinando deu fundação ao Império Espanhol, e após a conclusão da Guerra das Rosas (1485), Henry Tudor estava construindo uma nova Inglaterrra. Um novo mundo estava em gestação cujo centro já não seria o Mediterrâneo.

*A Europa no tempo de Mátyás.* Mapa *MEP*

## *O nascedouro do novo mundo*
1478e

Com o casamento de Isabela de Castilho e de Fernando de Aragão (1469) nasceu a Espanha que logo ascendeu a potência de primeira grandeza. Para os Habsburgos, que já eram os mais poderosos dos mais de trezentos príncipes germânicos minúsculos (desde 1438 era sempre um Habsburgo o ocupante do trono imperial) o casamento com Borgonha (1477) –que já incluía os Países-Baixos– era apenas mais uma etapa em sua

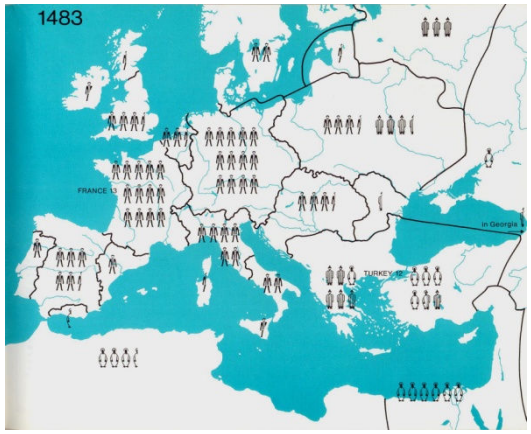
> "viagem de passeio genealógico que culminaria cincoenta anos depois em Carlos (Habsburg) Quinto, Imperador Romano (Germânico), soberano de Castilho, Aragão, Navarra, Sardenha, Sicília, Nápoles, Flandres, os Países–Baixos, e mais" (Colin McEvedy)[4]

Portugal já havia dado início à construção de seu império ultramarino, agora a Espanha seguiria, em escala ampliada. Quando Vasco da Gama retornou da Índia (1498) com mercadorias vendidas a 60 vezes o seu custo (um retorno de 6000%), o efeito foi devastador e o estímulo à intensificação das navegações, enorme. A rota do Cabo era monopólio português e a Espanha se concentrou na tentativa de circunavegação –e tropeçou no tesouro dos aztecas. As cidades italianas eram curto-circuitadas de uma vez e o ouro começava a fluir à Península Ibérica; embora boa parte desse ouro fosse parar nos cofres das grandes casas bancárias germânicas, itlalianas e flamengas, os Fugger e os Grimaldi, que financiavam e seguravam as expedições. O destino do ouro era assim as mesmas regiões onde as manufaturas eram mais avançadas. Estavam se reunindo as condições para o desenvolvimento capitalista …

[4] *The Penguin Atlas of Medieval History*, p.84.

## *População*

População da Europa e na Bacia do Mediterrâneo no final do século XV: cada boneco representa um milhão de habitantes, entre católicos (em preto), ortodoxos (em cinza) e muçulmanos (em branco).



# *Epílogo*

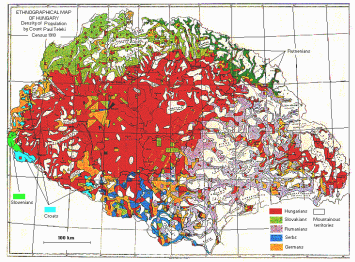
*UMA PEQUENA HISTÓRIA DA HUNGRIA*
II
DOS DESCOBRIMENTOS
ATÉ HOJE

A Hungria prosperava e seguia sendo um dos grandes reinos europeus junto à França, a Alemanha e a Inglaterra até o século XV quando os turcos tomaram Constantinopla e cortaram a rota terrestre ao Oriente. Da noite para o dia a localização estratégica da Hungria viu-se relegada ao fim do mundo, literalmente, fim do mundo Ocidental. As rotas para o Oriente tornaram-se quase exclusivamente marítimas: é a época das navegações, dos 'descobrimentos' e o centro de gravidade da vida econômica se desloca para o Atlântico. A Hungria chega a cair parcialmente sob o domínio do Império Otomano, dele se livrando sòmente 150 anos mais tarde (~1680), e mesmo então já não emergirá como nação independente, mantendo-se na área de influência e sob o domínio dos Habsburgos da Áustria, e nessa época, também da Espanha.

Conduziu uma luta de independência vitoriosa contra a Áustria em 1848-9, mas que acabou sendo esmagada pelo Tzar da Rússia no espírito da Santa Aliança dos soberanos dos países centro- e leste-europeus atrazados pela salvaguarda das monarquias contra o espírito republicano que ora se fortalecia desde a Revolução Francesa, e no fundo, defesa dos resquícios das instituições feudais contra o desenvovimento segundo o novo modo de produção, o capitalismo, que se vinha se irradiando desde a Inglaterra.

Finalmente, a Hungria renasceu como nação independente com a dissolução da monarquia Áustro-Húngara ao final da 1ª Guerra Mundial.

O Tratado de Trianon, que estabeleceu as fronteiras nacionais na Europa Central, dando inclusive origem a uma série de países recém-nascidos, usou critérios severos para a Hungria ao delimitar suas fronteiras que hoje constituem 1/3 da área original: nelas vivem exclusivamente húngaros, enquanto que todos os países vizinhos abrigam minorias húngaras importantes. Paradoxalmente, tal perda teve sua compensação: na década de 1990 a Hungria é um dos paises mais estáveis da região, devido precisamente à homogeneidade de sua população, enquanto que a maioria dos países ao seu redor está às voltas com problemas de identidade e de fragmentação.



*Mapa etnográfico da Hungria, 1910* por Teleki Pál, *Fonte* Censo 1910)

*i*
*Fronteiras 1920* estabelcidas pelo Tratado de Trianon (1918-20)

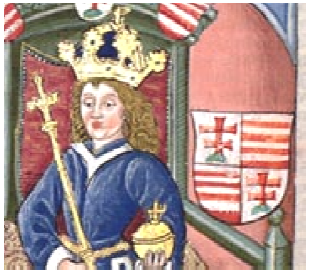
*PEQUENA HISTÓRIA*
*DA HUNGRIA*

Csaba Deák

# I

# DA FUNDAÇÃO À ALTA IDADE MÉDIA

## (Até 1500)

Por ocasião
do millecentenário
da Hungria,

1996